

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

FH põe freio na agenda

Na reta final, a campanha de Fernando Henrique Cardoso vai reduzir os compromissos do candidato ao estritamente necessário. A palavra de ordem é evitar reuniões inúteis, encontros que provoquem questionamentos indesejáveis ou situações de potencial conflito político.

Até por causa da situação favorável, a hora é de administrar a perspectiva de vitória no primeiro turno e fugir de todo e qualquer ato de dividendos eleitorais inexistentes ou que possam resultar em constrangimento. Ou seja, o bom mesmo para a campanha de FH era que não caísse nem uma caneta esferográfica da mesa daqui até o dia 4 de outubro.

A justificativa oficial para os cancelamentos dos compromissos que se enquadram nesse figurino saia justa é a de que a crise impede que o presidente se afaste de Brasília. Mas, como a crise vale para uns casos e não vale para outros, acreditará nessa versão apenas quem quiser.

Terão essa opção, por exemplo, as quatro federações empresariais que se encontrariam amanhã com o presidente em São Paulo. A reunião foi cancelada na terça-feira, sob a alegação de que Fernando Henrique não poderia nesse momento sair da capital.

Para aceitar a desculpa, os que foram convidados há 20 dias para o evento deverão partir do pressuposto de que a crise se esvaíra com o pôr-do-sol. É que amanhã à noite o presidente estará em São Paulo, para um jantar de aniversário da Editora Abril, e, no sábado, vai para Maceió.

Como não há sinal de que o abalo financeiro do mundo e seus efeitos sobre o Brasil sejam assim tão fugazes, é lícito que desconfiem de que haja outras razões para a ausência do presidente. No caso específico, o motivo é que em nenhuma dessas ocasiões – no jantar da Abril ou no comício em Maceió – ele corre o risco de ser abraçado, cheirado e pegado por Paulo Maluf, enquanto o cerimonial reza aos céus para que da platéia não surja um tucano irado cobrando apoio explícito a Mário Covas.

Organizado pelo comitê de FH em São Paulo, o encontro com os empresários tinha como convidados Paulo Maluf e Mário Covas. Na terça-feira, porém, chegou ao comitê central em Brasília a informação de que Covas não iria e, além do mais, que os tucanos paulistas estavam considerando o ato como uma homenagem a Maluf.

O comitê de FH, evidentemente, nega, e pode ser que tenha até razão quanto à intenção de quem organizou o encontro. Mas o fato é que o clima conturbado que se formou à volta do evento tornou aconselhável o cancelamento. Covas não iria, mas de seu grupo em São Paulo partiu a informação de que ninguém poderia assegurar comportamentos fidalgos na tropa tucana.

E tudo o que a campanha de Fernando Henrique não quer agora é a repetição de cenas como aquela de semanas atrás em que o filho de Franco Montoro levantou-se durante homenagem ao pai para confrontar Fernando Henrique com o apoio de Maluf.

Indesejável também é que nessa altura dos acontecimentos – com Maluf em primeiro lugar, Francisco Rossi descendo nas pesquisas e Covas apresentando ligeira recuperação – a cena política seja de novo tomada pelo tema do conflito entre os dois aliados. Notadamente com Fernando Henrique ao centro dele.

Os malufistas em São Paulo ainda tentavam, no início do dia de ontem, fazer valer como verdadeira a versão da crise como justificativa para o cancelamento. Que ficou ainda mais inconsistente diante da movimentação do grupo de Maluf para dar o troco já divulgando que o comitê de Fernando Henrique em São Paulo anunciara, em contrapartida, o cancelamento da visita presidencial à fábrica da Toyota, em Idaiatuba, no dia 18.

Uma visita que os malufistas também interpretavam como um ato de homenagem a Covas, dado que ele como governador foi quem promoveu a instalação da indústria naquela cidade do interior. Apesar de o comando da campanha de Maluf dar como certo o cancelamento, o comitê de FH em São Paulo negava assegurando que o compromisso continua na agenda, mas o comitê central em Brasília admitia que o assunto está em exame.